

Valdir Prigol

Como encontrar-se
e outras experiências
através da leitura
de textos literários



Valdir Prigol

Como encontrar-se
e outras experiências
através da leitura
de textos literários

Prefácio de João Cezar de Castro Rocha



Chapécó, 2010



Reitor: Odilon Luiz Poli

Vice-Reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão: Maria Luiza de Souza Lajús

Vice-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Claudio Alcides Jacoski

Vice-Reitor de Administração: Sady Mazzioni

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Valdir Prigol

© 2010 Argos Editora da Unochapecó

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

801.95 Prigol, Valdir
P948c Como encontrar-se e outras experiências através da
leitura de textos literários / Valdir Prigol. – Chapecó, SC :
Argos, 2010.
117 p. (Grandes temas ; 5)

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-7897-012-3

1. Crítica. 2. Teoria literária. I. Título.

CDD 801.95

Catálogo elaborada por Caroline Miotto CRB 14/1178

Biblioteca Central da Unochapecó



Conselho Editorial: Elison Antonio Paim (Presidente);

Andrea Oliveira Hopf Bianquin; Antonio Zanin; Arlene Renk;

Eleci Terezinha Dias da Silva; Iône Inês Pinsson Slongo; Jacir Dal Magro;

Jaime Humberto Palacio Revello; Maria Assunta Busato; Maria dos Anjos Lopes Viella;

Maria Luiza de Souza Lajús; Mauro Dall Agnol; Moacir Deimling;

Neusa Fernandes de Moura; Paulo Roberto Innocente;

Rosana Maria Badalotti; Valdir Prigol

Coordenadora: Maria Assunta Busato

De quem é a vida que vivemos?

Em *O quieto animal da esquina*, de João Gilberto Noll, publicado pela primeira vez em 1991, estamos diante de um narrador que procura entender o que aconteceu com a sua vida. Poeta, que vivia em um apartamento invadido na periferia de Porto Alegre, ele é preso por estuprar uma vizinha. Na prisão, é levado para uma clínica por um homem que ele não conhece, depois, para uma fazenda, onde passa a viver com a família de Kurt (o homem que o levou) – Gerda, sua esposa, Otávio, um empregado, e Amália, uma empregada doméstica. O narrador passa de uma posição marginal, em que não possuía as mínimas condições para ler e produzir poesia, para uma condição em que tem tempo disponível, livros, papel e uma casa confortável, enfim, todas as condições para escrever.

Ironicamente, quando possuí as “condições”, deixa de escrever poemas. Pela narrativa, podemos entender que o narrador deixa a poesia para usar a prosa porque se, na primeira, a tentativa era traduzir o vivido em imagens, agora a necessidade é entender de quem é a vida que ele vive; para isso, o trabalho com o tempo é fundamental, porque, a partir dele, é possível pensar o enredo de sua vida.

A etimologia da palavra experiência, como nos esclarece Olgária Matos (2007, p. 30), aponta para a ideia de travessia por um lugar desconhecido sem mapa e sem guia:

Em alemão ‘experiência’ é *Erfahrung*, cuja raiz é *fahr-*, que, no antigo alemão, significava “atravessar uma região durante uma viagem” quando não havia mapas de orientação, era a incursão em território desconhecido, era viajar por terras ignotas sem guia prévio. (Matos, 2007, p. 30).

É a condição do narrador de *O quieto animal da esquina*. Mas por que ele não consegue ter experiência? Beatriz Sarlo, em uma reflexão sobre os testemunhos de militantes políticos da década de 1970, diz que na literatura “[...] um narrador sempre pensa de fora da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofrê-lo.” (Sarlo, 2007,

p. 199). Esse é o problema exposto na novela de Noll: o narrador não consegue pensar fora da experiência, ele está na experiência, tanto que o livro termina com o narrador na casa de Kurt no presente: “[...] e agora eu vestiria a roupa seca que Kurt me dava, e depois eu iria para a cama, me sossegar, dormir quem sabe, sonhar.” (Noll, 2003, p. 94).

O narrador não consegue ter experiência porque, como ele diz reiteradamente, “[...] eu não conseguira esclarecer praticamente nada da minha nova situação.” (Noll, 2003, p. 41). Como ele não consegue entender a nova situação, acaba vivendo a vida do outro. Aqui nos encontramos com a reflexão de Jorge Larrosa. Ao pensar a “experiência e suas linguagens”, o autor retoma trabalhos de três autores que se tornaram referências fundamentais na discussão sobre a experiência: Walter Benjamin, Imre Kertész e Giorgio Agamben. As três abordagens têm em comum o fato de apontarem para a impossibilidade de ter experiência. Larrosa mostra como cada uma dessas reflexões foi produzida em um momento limite: Walter Benjamin e a Primeira Guerra Mundial, Imre Kertész e a Segunda Guerra e Giorgio Agamben e a exasperação da biopolítica da vida nas metrópoles. O que torna impossível ter experiência é que fica visível nesses casos como vivemos nossas vidas como se fossem de outro. Como diz Larrosa:

Ya no hay experiencia porque vivimos nuestra vida como si no fuera nuestra, porque no podemos entender lo que nos pasa, porque es tan imposible tener una vida propia como una muerte propia (igual que nuestra muerte anónima, insignificante, intercambiable, ajena, igual que hemos sido despojados de nuestra muerte, nuestras vidas también son anónimas, insignificantes, intercambiables, ajenas, vacías de sentido, o dotadas de un sentido falso, falsificado, algo que se nos vende en el mercado como cualquier otra mercancía, piensen si no en todos los dispositivos sociales, religiosos, mediáticos, terapéuticos que funcionan para dar una apariencia de sentido, piensen si no en cómo compramos constantemente sentido, en cómo seguimos a cualquiera que nos venda un poco de sentido), porque la experiencia de lo que nos pasa es que no sabemos lo que nos pasa, porque la experiencia de nuestra lengua es que no tenemos lengua, que estamos mudos, porque la experiencia de quién somos es que no somos nadie. (Larrosa, 2008, p. 10).¹

-
- 1 “Já não há experiência porque vivemos nossa vida como se não fosse nossa, porque não podemos entender o que nos acontece, porque ter uma vida própria é tão impossível quanto ter uma morte própria (assim como nossa morte é anônima, insignificante, intercambiável, alheia, assim como somos usurpados de nossa morte, nossas vidas também são anônimas, insignificantes, intercambiáveis, alheias, vazias de sentido ou dotadas de um falso sentido, falsificado, algo que se pode comprar no mercado como qualquer outra mercadoria, pensem em todos os aparatos sociais, religiosos, midiáticos, terapêuticos que funcionam para dar uma aparência de sentido, pensem em como constantemente compramos sentido, em como seguimos qualquer um que nos dê um pouco de sentido), porque a experiência daquilo que nos acontece é não sabermos o que nos acontece, porque a experiência de nossa língua é não termos língua, é sermos mudos, porque a experiência de quem somos é não sermos ninguém.” (Traduzido por Lúcia Lovato Leiria).

Nesse sentido, uma outra novela, *A metamorfose* (1997), de Franz Kafka, talvez contenha a percepção mais aguda de que vivemos a vida de outro. E, se a metamorfose acontece nas primeiras linhas, toda a novela mostra a impossibilidade de retorno. Já não é mais possível retornar a um estágio anterior. E isso, também para o leitor: *A metamorfose* nos coloca em experiência com uma imagem poderosa da leitura: a da metamorfose e da impossibilidade de retorno.

O livro de Noll é uma reflexão potente sobre a impossibilidade de ter experiência, porque a vida que o narrador vive parece ser de outro e, por isso, o narrador não consegue entender o que se passa, o que aconteceu. Ele só consegue fazer experiência e tomar consciência da impossibilidade de transformá-la em conhecimento. Assim, podemos entender porque, na nova condição, o narrador passa ao largo do político, como aponta Idelber Avelar (2003); a impaciência diante de um ato do MST trancando a estrada, impedindo a passagem do carro em que o narrador está com Kurt, e o comício do Lula que ele abandona para transar com Náira em um terreno baldio afastado do centro de Porto Alegre mostram que, se não é dele a vida que ele vive, a dimensão política já não consegue dar essa consciência.

A leitura da novela de Noll nos coloca diante de um narrador que percebe que vive a vida de outro. Assim, ela propõe ao leitor pensar a sua própria vida ao fazer experiência com uma vida (a do livro) que já não lhe pertence (porque é enigmática).

Título	Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários
Autor	Valdir Prigol
Coleção	Grandes Temas
Assistente editorial	Alexsandro Stumpf
Assistente administrativo	Neli Ferrari
Secretaria	Alexandra Fatima Lopes de Souza
Divulgação, distribuição e vendas	Neli Ferrari Jocimar Vazocha Wescinski Marta Rossetto Daniela Vargas
Projeto gráfico e capa	Alexsandro Stumpf
Diagramação	Alexsandro Stumpf Caroline Kirschner
Preparação dos originais	Araceli Pimentel Godinho
Alteração dos originais	Sara Raquel Heffel
Revisão	Carlos Pace Dori Araceli Pimentel Godinho Cristiane Santana dos Santos Lúcia Lovato Leiria
Formato	14 X 21 cm
Tipologia	Minion entre 9 e 16 pontos
Papel	Capa: Cartão Supremo 250 g/m ² Miolo: Pólen Soft 80 g/m ²
Número de páginas	117
Tiragem	1500
Publicação	julho de 2010
Impressão e acabamento	Gráfica e Editora Pallotti – Santa Maria (RS)

Argos Editora da Unochapecó
 Av. Atílio Fontana, 591-E – Bairro Efapi – Chapecó (SC) – 89809-000 – Caixa Postal 1141
 Telefone: (49) 3321 8218 – e-mail: argos@unochapeco.edu.br
 Site: www.unochapeco.edu.br/argos

Eis a contribuição mais relevante deste novo livro de Valdir Prigol: em suas análises cuidadosas, o mediador aparece com um perfil renovado. Ele perde a empáfia do juiz do gosto literário e se transforma num leitor que explicita seus critérios e, desse modo, constrói uma ponte crítica com uma comunidade mais ampla de leitores. Ao mesmo tempo, essa ponte depende do cuidado com que o autor propõe um autêntico corpo a corpo com o texto literário. A combinação desses dois fatores revela o alcance de *Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários*.

João Cezar de Castro Rocha




UNOCHAPECÓ
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
www.unochapeco.edu.br/argos